

Juliano Desiderato Antonio

jdantonio@uem.br

Camila Takahashi

camila.takahashi@yahoo.com.br

Atuação da relação retórica de elaboração na macroestrutura e na microestrutura de elocuições formais

Performance of elaboration rhetorical relation in macrostructure and microstructure of formal elocutions

RESUMO – O objetivo deste trabalho é investigar, à luz da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST), o uso da proposição relacional de elaboração em um *corpus* formado por elocuições formais. A análise se dá tanto na macroestrutura quanto na microestrutura dos textos, conforme o princípio da RST de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações. Na macroestrutura das elocuições formais, observou-se que o núcleo das elocuições formais é composto por um supertópico que é desenvolvido por subtópicos que funcionam como satélites e acrescentam informações a ele por meio da relação de elaboração. Na camada seguinte da estrutura retórica, cada um desses subtópicos passa a desempenhar papel nuclear e é, por sua vez, desenvolvido por outros subtópicos. Assim, na macroestrutura, a relação de elaboração é essencial para o estabelecimento da coerência das elocuições formais. Na microestrutura das elocuições formais, o satélite da relação de elaboração é realizado por orações adjetivas ou por orações apositivas. No primeiro caso, introduzem-se informações adicionais sobre a oração nuclear. No segundo caso, o segmento que funciona como núcleo traz uma expressão referencial encapsuladora que cria um foco de referência para o que será especificado na oração apositiva.

Palavras-chave: estrutura retórica do texto, macroestrutura textual, tópico discursivo.

ABSTRACT – The aim of this paper is to investigate the uses of elaboration relational proposition based on Rhetorical Structure Theory (RST) in a corpus formed by formal elocutions. Analysis focuses both on macro and microstructure according to RST principle that rhetorical relations established on discourse level organize from text coherence to clause combining. Within macrostructure level, it was possible to find out that the nucleus of formal elocutions is formed by a supertopic which is expanded by subtopics which work as satellites and add information to the nucleus by means of elaboration relation. In the next layer of rhetorical structure, each of the subtopics becomes nucleus and is expanded by other subtopics. Thus, in macrostructure, elaboration relation is essential for the establishment of coherence in formal elocutions. Within the microstructure of formal elocutions, the satellite of elaboration relation is expressed by means of explicative and appositive clauses. In the first case, additional information about the nuclear clause is added. In the second case, the segment that works as nucleus has an encapsulating referential expression which creates a reference focus for the content that will be specified in the appositive clause.

Key words: rhetorical structure theory, text macrostructure, discourse topic.

Considerações iniciais

A relação entre texto e gramática nem sempre pode ser descrita ou explicada com facilidade pelas teorias linguísticas. De acordo com Dascal (1992), há modelos teóricos que privilegiam apenas aspectos formais da língua e consideram que o sentido está na decodificação dos signos e, de outro lado, há correntes linguísticas que analisam o discurso a partir de forças subjacentes que determinam o comportamento

comunicativo do sujeito falante. Por outro lado, para Dascal (1992),

[...] no modelo pragmático, o intérprete leva em conta as intenções do produtor, mas sem deixar de lado o código linguístico. O sentido comunicativo não é dependente do que é dado nem de quem constrói. Produzir um signo com sentido é uma ação comunicativa e essa ação é animada pela intenção do produtor (Antonio, 2003, p. 224).

A maioria das correntes linguísticas vinculadas ao Funcionalismo pode ser considerada pragmática nesse

sentido proposto por Dascal (1992). O modelo de interação verbal proposto por Dik (1989, p. 8) demonstra essa vinculação, como pode ser observado na Figura 1.

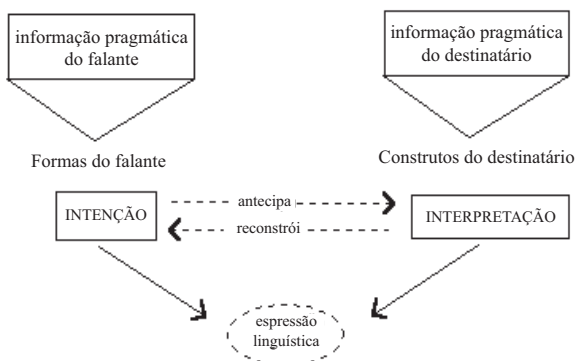


Figura 1. Modelo de interação verbal (Dik, 1989).
Figure 1. Model of verbal interaction (Dik, 1989).

A informação pragmática é constituída pelo conjunto de conhecimentos, crenças, opiniões, sentimentos tanto do falante quanto de seu interlocutor. A intenção comunicativa do falante diz respeito ao plano mental que ele elabora para alterar a informação pragmática de seu destinatário. Para alcançar seu objetivo, o falante antecipa a interpretação que o destinatário fará de suas expressões linguísticas, com base na informação pragmática que o falante imagina que seu interlocutor tenha. O destinatário, por sua vez, procura interpretar as expressões linguísticas à luz de sua informação pragmática e do que ele imagina que seja a informação pragmática do falante para reconstruir a intenção comunicativa. Uma observação importante que deve ser feita é que a intenção do falante e a interpretação do destinatário são mediadas, e não estabelecidas pelas expressões linguísticas.

De acordo com Van Valin (2002), algumas correntes funcionalistas, em especial o chamado Funcionalismo da Costa-Oeste, investigam como a gramática pode ser influenciada pelo discurso. Um exemplo clássico desse tipo de estudo é a proposta de Hopper e Thompson (1980) para análise da transitividade na gramática e no discurso. Na proposta de Hopper e Thompson (1980), a transitividade exerce função discursiva. Segundo os autores, os falantes planejam seus enunciados levando em conta suas intenções comunicativas e a percepção das necessidades de seus interlocutores. Assim, o conjunto de propriedades que caracteriza a alta transitividade está presente nas orações que constituem a figura, estrutura básica do texto, considerada mais relevante para os propósitos do produtor do texto. Por outro lado, as orações que apenas fornecem suporte ou trazem comentários sem contribuir efetivamente para os objetivos comunicativos do falante são realizadas linguisticamente por orações com baixa transitividade e servem de fundo para porções com alta transitividade.

Neste trabalho, analisa-se como a relação retórica de elaboração pode atuar tanto na macroestrutura do texto, ajudando no estabelecimento de sua coerência, quanto na sua microestrutura, relacionando orações. A investigação é feita a partir da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (*Rhetorical Structure Theory*, de agora em diante, RST).

O corpus de análise é formado por três elocuições formais do tipo aula que compõem o banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). Os informantes são professores universitários nascidos em Maringá (Paraná) ou que residem nessa cidade há vinte anos ou mais. Cada uma dessas aulas tem duração aproximada de cem minutos.

A Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST)

A Teoria da Estrutura Retórica dos Textos é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (Mann e Thompson, 1988; Matthiessen e Thompson, 1988; Mann *et al.*, 1992). De acordo com essa teoria, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto.

Fortemente influenciada pelo chamado Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos (Antonio, 2009), a RST parte do princípio de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações (Matthiessen e Thompson, 1988). Para Mann e Thompson (1988), as proposições relacionais permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações. De acordo com a teoria, são essas relações que dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu. Dessa forma, pode-se afirmar que essas proposições relacionais atuam tanto na macro quanto na microestrutura textual. Para van Dijk (1992, p. 51), a macroestrutura é “a informação semântica que fornece unidade global ao discurso” e diz respeito a “segmentos maiores do discurso ou de todo o discurso que não podem ser simplesmente definidos em termos das condições de coerência local” (p. 50). Por outro lado, para van Dijk (1992, p. 50), o conceito de microestrutura se aplica às “relações entre sentenças ou entre proposições, isto é, em pares, conexões lineares entre elementos numa sequência”.

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1988) após a análise de centenas de textos, por meio da RST. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos¹.

¹ Uma lista com as relações e suas definições pode ser encontrada no site <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>.

No que diz respeito à organização, as relações podem ser de dois tipos:

(a) núcleo-satélite, nas quais uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 2 a seguir, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo.

(b) multinucleares, nas quais uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na Figura 3.

As relações que se estabelecem entre as orações podem ser descritas com base na intenção comunicativa do enunciador e na avaliação que o enunciador faz do enunciatário, e refletem as escolhas do enunciador para organizar e apresentar os conceitos. A identificação dessas relações pelo analista, por sua vez, se baseia em julgamentos funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto, e verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor

do texto e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, de forma que não pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (Mann e Thompson, 1988). O analista também não pode basear sua análise apenas em marcas formais, uma vez que as proposições relacionais surgem no texto independentemente de sinais específicos de sua existência: não há necessidade de inclusão, no texto, de elementos linguísticos que tenham por função indicar as relações estabelecidas (Mann e Thompson, 1988; Taboada, 2006).

As relações são definidas pela RST com base em quatro condições: (a) restrições sobre o núcleo; (b) restrições sobre o satélite; (c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; (d) efeito. Tome-se como exemplo a definição da relação *elaboração*, objeto de análise deste trabalho, apresentada no Quadro 1.

Como pode ser observado na definição, o uso da relação de elaboração tem por objetivo o acréscimo de informações, no satélite, a respeito do núcleo. Isso pode ser observado no diagrama arbóreo a seguir, que representa a análise da estrutura retórica de um trecho de uma aula.

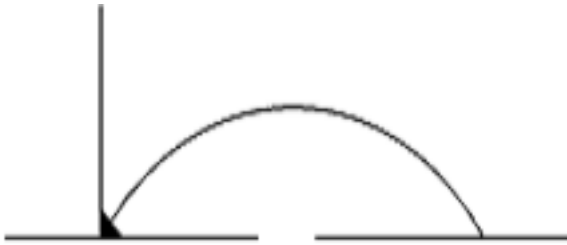


Figura 2. Esquema de relação núcleo-satélite.
Figure 2. Nucleus-satellite scheme.

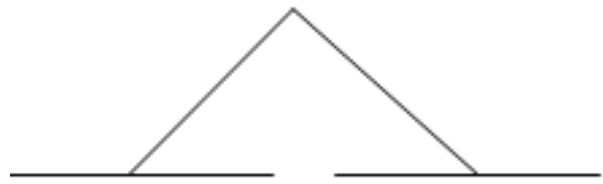


Figura 3. Esquema de relação multinuclear.
Figure 3. Multinuclear scheme.

Quadro 1. Definição da relação de elaboração (Mann e Thompson, 1988, p. 273)

Chart 1. Definition of elaboration relation (Mann e Thompson, 1988, p. 273)

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Elaboração	Nenhuma	O satélite apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do assunto que é apresentado no núcleo ou é acessível inferencialmente no núcleo em uma ou mais das maneiras listadas a seguir. Na lista, se o núcleo apresenta o primeiro membro de qualquer par, então o satélite inclui o segundo. grupo :: membro abstração :: instância todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização :: específico.	O destinatário reconhece o satélite como fornecendo detalhes adicionais para o núcleo. O destinatário identifica o elemento do assunto para o qual o detalhe é fornecido.

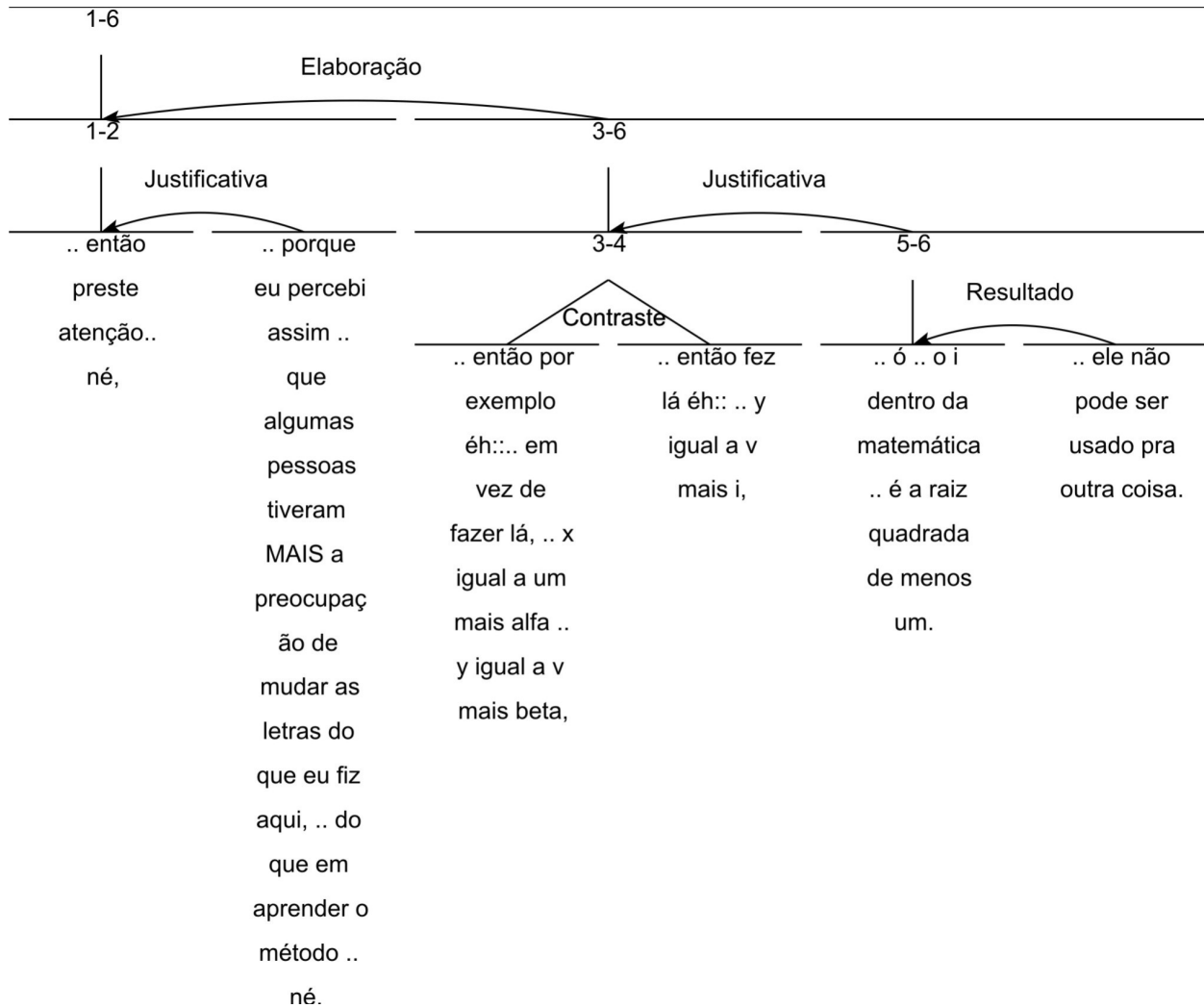


Figura 4. Exemplo da relação de elaboração.
Figura 4. Example of elaboration relation.

No exemplo, a porção de texto formada pelas unidades de 3 a 6 acrescenta detalhes ao conteúdo do núcleo, formado pelas unidades 1 e 2. Na unidade 1, o professor pede que os alunos prestem atenção. Na unidade 2, justifica seu ato de fala, afirmando que percebeu que alguns alunos demonstraram mais preocupação em trocar as letras da expressão matemática do que em aprender o método. Nas unidades 3 e 4, o professor, por meio da relação de contraste, apresenta a maneira correta e a maneira errada de resolver a expressão. Em seguida, nas unidades 5 e 6, justifica por que alguns alunos utilizaram uma variável de forma equivocada na expressão. Por fim, o informante apresenta o conteúdo da unidade 5 como motivo para a o conteúdo apresentado na unidade 6, ou seja, o “i” não pode ser usado para representar, na matemática, outra coisa além do valor da raiz quadrada de menos um.

Nas seção a seguir do trabalho, analisa-se a atuação da relação retórica de elaboração na macro e na micro-

estrutura das elocuições formais do *corpus* com base nos pressupostos teóricos da RST aqui apresentados.

Análise dos dados

No Quadro 2, apresenta-se a frequência de ocorrência da relação de elaboração na macroestrutura e na microestrutura das elocuições formais.

Quadro 2. Frequência de ocorrência da relação de elaboração na macroestrutura e na microestrutura do *corpus*.

Chart 2. Frequency of elaboration relation in macrostructure and in microstructure.

Macroestrutura		Microestrutura		TOTAL	
N	%	N	%	N	%
10	12	74	88	84	100%

Como pode ser observado no quadro, há uma maior frequência de ocorrência da relação de elaboração na microestrutura das elocuições formais. Essa maior frequência de ocorrência da relação de elaboração na microestrutura pode ser explicada pelo fato de as elocuições formais do *corpus* serem extensas e apresentarem um número muito grande de orações. Por outro lado, a menor frequência de ocorrência da relação de elaboração na macroestrutura das elocuições formais se justifica pelo fato de a macroestrutura estar relacionada a segmentos maiores do texto, que ocorrem em menor número e são expandidos pelas orações que compõem a microestrutura, como poderá ser observado nas seções a seguir.

Atuação da relação de elaboração na macroestrutura das elocuições formais

A atuação da relação de elaboração na macroestrutura textual colabora com o estabelecimento da coerência do texto, auxiliando na organização dos tópicos desenvolvidos durante a aula.

O conceito de tópico aqui utilizado baseia-se em Jubran (2006), que o define como um elemento da construção do texto oral, que vai além do nível sentencial, permeando e conduzindo o texto, ao formar a organização discursiva.

O tópico apresenta a propriedade da organicidade. Segundo Jubran (1992, p. 363),

há como que camadas de organização, indo desde um tópico suficientemente amplo para não ser recoberto por outro superordenado, passando por tópicos sucessivamente particularizadores, até se alcançarem constituintes mínimos definíveis pelo maior grau de particularização do assunto em relevância.

As aulas que compõem o *corpus* são constituídas por um tópico discursivo bastante amplo que representa o tema geral da aula. Esse supertópico é desenvolvido por meio de acréscimo de informações na forma de outros tópicos que o particularizam e que também são sucessivamente desenvolvidos por outros subtópicos.

A análise da estrutura retórica dessas aulas toma como base a ordenação tópica descrita acima. O supertópico é o núcleo que se encontra no nível mais alto na estrutura retórica de toda a aula. Os subtópicos que o desenvolvem são satélites que acrescentam informações. Na camada seguinte da estrutura retórica, esses subtópicos, por sua vez, se tornam núcleos de outros subtópicos que os desenvolvem na forma de satélites. Essa organização pode ser observada na Figura 5, que representa a macroestrutura de uma aula de físico-química do *corpus* deste trabalho.

Como pode ser observado no diagrama, o supertópico é anunciado pelo professor na unidade 125: “Hoje vamos falar de suspensões”, ou seja, todos os conteúdos

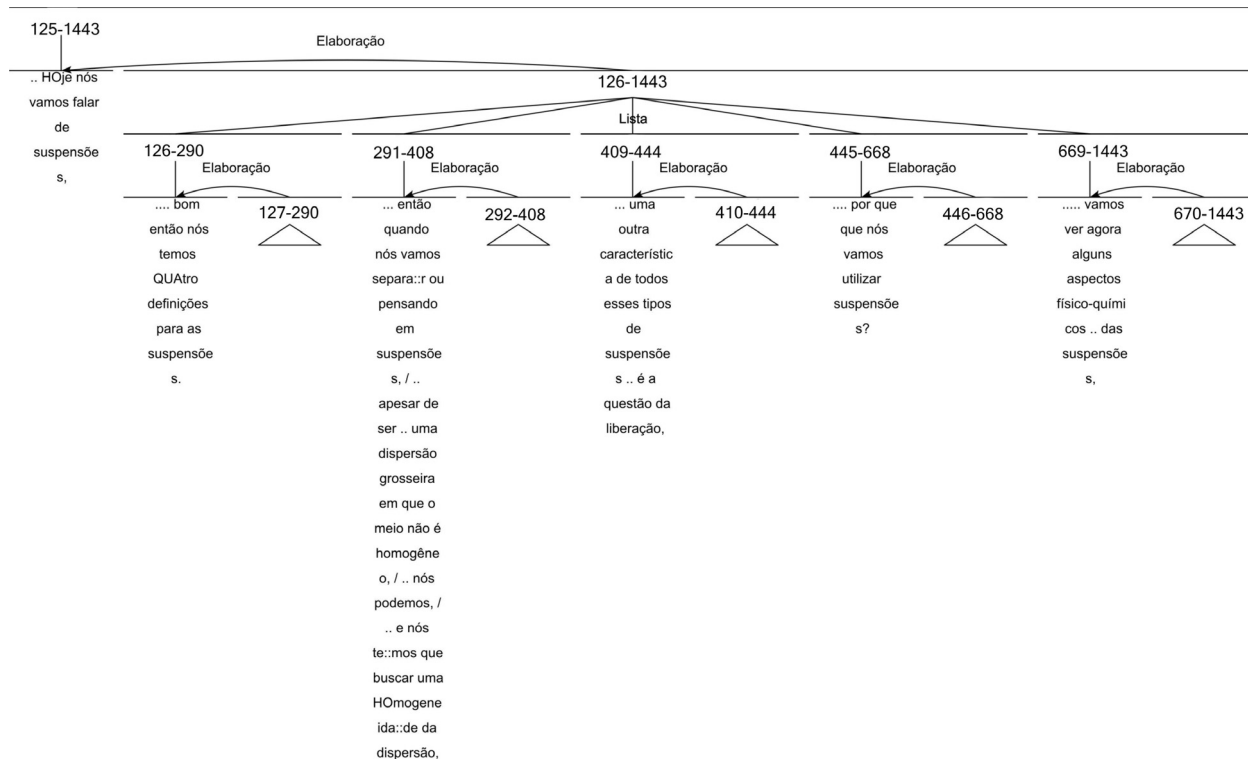


Figura 5. Diagrama da estrutura retórica da macroestrutura de uma aula do *corpus*.
Figure 5. Diagram of the macrostructure of a formal elocution of the *corpus*.

desenvolvidos durante a aula trarão informações sobre o tema “suspensões”. Esses conteúdos são apresentados na forma de cinco satélites, que são os seguintes subtópicos:

- (i) Definições das suspensões: unidades de 126 a 290;
- (ii) Homogeneidade da suspensão: unidades de 291 a 408;
- (iii) Liberação: unidades de 409 a 444;
- (iv) Por que utilizar suspensões: unidades de 446 a 668;
- (v) Aspectos físico-químicos das suspensões: unidades de 669 a 1443.

Cada um desses subtópicos também é desenvolvido na camada seguinte da estrutura retórica. Por ser impossível transcrever neste artigo toda a aula, os satélites que desenvolvem cada um desses subtópicos são representados por triângulos.

A análise da estrutura retórica da macroestrutura desses textos demonstra a importância do reconhecimento da proposição relacional de elaboração para o estabelecimento da coerência de texto. Caso o interlocutor do produtor do texto não perceba que as porções textuais que funcionam como satélite estão acrescentando informações a respeito do “assunto” em pauta, não conseguirá calcular a coerência do texto.

Atuação da relação de elaboração na microestrutura das elocuições formais

No que diz respeito à atuação da relação de elaboração na microestrutura das elocuições formais, mais especificamente na gramática da combinação de orações, observaram-se dois usos dessa proposição relacional.

O primeiro desses usos diz respeito ao estabelecimento de relação entre uma oração explicativa e uma oração nuclear: nesse caso, a oração adjetiva funciona como satélite que acrescenta informações ao núcleo. Essa análise é corroborada por Neves (2000, p. 375), que afirma que uma oração adjetiva explicativa “introduz uma informação adicional”. Na Figura 6, apresenta-se um exemplo do uso da relação de elaboração com satélite realizado linguisticamente por meio de oração adjetiva explicativa.

Observe-se que, no exemplo da Figura 6, a oração que funciona como satélite acrescenta uma informação sobre o referente “psicologia experimental e análise do comportamento”, mencionado na oração nuclear.

No outro uso observado no *corpus*, a proposição relacional de elaboração tem como satélite uma oração apositiva. Para Nogueira e Leitão (2004, p. 138),

a construção que abriga a oração substantiva apositiva está associada às estratégias de referenciação catafórica (focalização) e de orientação argumentativa por meio das quais se introduz uma informação no discurso, a partir de uma expressão referencial que a encapsula.

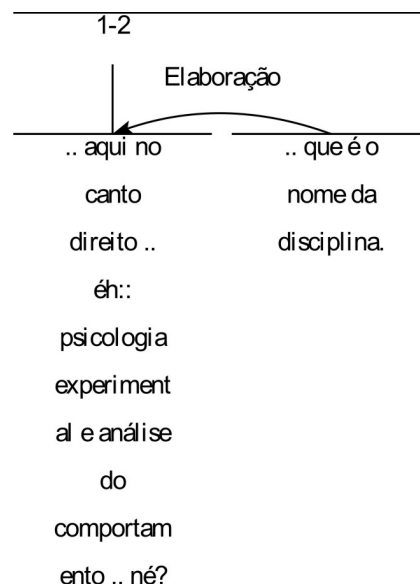


Figura 6. Relação de elaboração estabelecida entre oração adjetiva explicativa e oração nuclear.

Figure 6. Elaboration relation held between adjective explicative clause and nuclear clause.

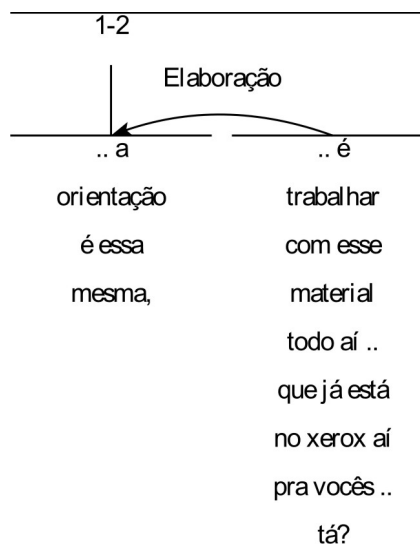


Figura 7. Relação de elaboração com satélite realizado linguisticamente por oração apositiva.

Figure 7. Elaboration relation held by means of appositive clause.

Na Figura 7, apresenta-se um exemplo do uso da relação de elaboração com satélite realizado linguisticamente por meio de oração apositiva.

Assim como nos exemplos analisados por Nogueira e Leitão (2004), no *corpus* investigado neste trabalho, observa-se o uso de expressões referenciais encapsuladoras que criam um foco de referência para a oração apositiva. No caso do exemplo da Figura 7, essa função é exercida pela expressão “a orientação”. Como afirmam

Nogueira e Leitão (2004, p. 139), esse recurso “cria um ambiente de expectativa para o que será especificado na oração apositiva”.

No que diz respeito à frequência de ocorrência, observa-se, no Quadro 3, que as proposições relacionais de elaboração com oração apositiva como satélite apresentam, no *corpus* analisado, frequência de ocorrência mais alta do que as proposições relacionais de elaboração com oração explicativa no satélite.

Quadro 3. Frequência de ocorrência da relação de elaboração com oração apositiva e com oração explicativa como satélite.

Chart 3. Frequency of elaboration relation held by appositive clauses and by adjective explicative clauses.

Apositiva		Explicativa		TOTAL	
N	%	N	%	N	%
49	66	25	34	74	100%

Considerações finais

Neste trabalho, procurou-se investigar, à luz da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST), o uso da proposição relacional de elaboração em um *corpus* formado por elocuições formais. Verificou-se que essa relação pode ocorrer tanto na macroestrutura quanto na microestrutura dos textos, conforme o princípio da RST de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações.

Na macroestrutura das elocuições formais, observou-se que o núcleo das elocuições formais é composto por um supertópico que é desenvolvido por subtópicos que funcionam como satélites e acrescentam informações a ele por meio da relação de elaboração. Na camada seguinte da estrutura retórica, cada um desses subtópicos passa a desempenhar papel nuclear e é, por sua vez, desenvolvido por outros subtópicos. Assim, na macroestrutura, a relação de elaboração é essencial para o estabelecimento da coerência das elocuições formais.

Na microestrutura das elocuições formais, o satélite da relação de elaboração é realizado por orações adjetivas ou por orações apositivas. No primeiro caso, introduzem-se informações adicionais sobre a oração nuclear. No segundo caso, o segmento que funciona como núcleo traz uma expressão referencial encapsuladora que cria um foco de referência para o que será especificado na oração apositiva.

Referências

- ANTONIO, J.D. 2003. Estrutura retórica do texto: uma proposta para a análise da coerência. *Signótica*, **15**(2):223-236.
- ANTONIO, J.D. 2009. O texto como objeto de estudo na Linguística Funcional. In: J.D. ANTONIO; P. NAVARRO, *O texto como objeto de ensino, de descrição lingüística e de análise discursiva e textual*. Maringá, Eduem, p. 61-80.
- DASCAL, M. 1992. Models of interpretation. In: M. STAMENOV (ed.), *Current advances in semantic theory*. Amsterdam, J. Benjamins, p. 109-127.
- DIK, S. 1989. *The Theory of Functional Grammar. The Structure of the Clause*. Dordrecht, Foris Publications, 433 p.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. 1980. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, **56**(2):252-299. <http://dx.doi.org/10.2307/413757>
- JUBRAN, C.C.A.S. et al. 1992. Organização tópica da conversação. In: R. ILARI (org.), *Gramática do português falado. Níveis de análise lingüística*. Campinas, Editora da Unicamp, p. 357-459.
- JUBRAN, C.C.A.S. 2006. Tópico discursivo. In: C.C.A.S. JUBRAN; I.G.V. KOCH (orgs.), *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Construção do texto falado*. Campinas, Editora da Unicamp, p. 89-132.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. 1988. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, **8**(3):243-281.
- MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S.A. 1992. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: W.C. MANN; S.A. THOMPSON (eds.), *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins, p. 39-77.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. 1988. The structure of discourse and ‘subordination’. In: J. HAIMAN; S. THOMPSON (eds.), *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia, J. Benjamins, p. 275-329.
- NEVES, M.H.M. 2000. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo, Editora Unesp, 1037 p.
- NOGUEIRA, M.T.; LEITÃO, R.J. 2004. A oração substantiva apositiva: aspectos textual-discursivos. *Veredas*, **8**(1):137-151.
- TABOADA, M. 2006. Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics*, **38**(4):567-592. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2005.09.010>
- VAN DIJK, T.A. 1992. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo, Contexto, 207 p.
- VAN VALIN, R.D. 2002. Functional linguistics. In: M. ARONOFF; J. REES-MILLER (eds.), *The handbook of linguistics*. Malden, Blackwell Publishers, p. 250-263.

Submetido em: 25/07/2010

Aceito em: 11/10/2010

Juliano Desiderato Antonio

Universidade Estadual de Maringá

Av. Colombo, 5790 - Campus Universitário

87020-900, Maringá, PR, Brasil

Camila Takahashi

Universidade Estadual de Maringá

PIBIC (CNPq-FA-UEM)

Av. Colombo, 5790 - Campus Universitário

87020-900, Maringá, PR, Brasil